

## O KAMAIURÁ: LÍNGUA DE ESTRUTURA ATIVA

*Lucy Seki*

O objetivo do presente artigo é apresentar aspectos da estrutura de uma língua indígena brasileira, o Kamaiurá, vistos à luz da classificação tipológica do lingüista russo G. A. Klímov, o qual tomou-a como característica, juntamente com outras línguas da família Tupi-Guarani, de um dos três grandes tipos lingüísticos que postulou. Como a obra de Klímov é pouco conhecida entre nós, a primeira parte do artigo procura situar sua contribuição no contexto dos estudos tipológicos soviéticos.

\* \*  
\*

Atualmente a tipologia lingüística e a questão dos universais lingüísticos atraem de modo especial a atenção dos lingüistas em todo o mundo. Na União Soviética os estudos tipológicos se desenvolveram consideravelmente já nas décadas de trinta e quarenta e tiveram como um dos primeiros objetos de análise as línguas caucásicas. Entre os pioneiros no campo destaca-se a figura do lingüista I. I. Meščanínov com pesquisas sôbre as estruturas sintáticas de várias línguas e suas inter-relações históricas. (1)

O interesse quanto aos estudos tipológicos nesta época é perfeitamente compreensível se se considerar que nos primeiros anos que se seguiram à Revolução de 1917 o ambiente era muito propício às comparações lingüísticas. Os estudiosos se defrontaram com inúmeras línguas “exóticas”, pouco ou nada estudadas e muito ricas em fatos novos e interessantes. Somente entre as línguas caucásicas contava-se a existência de diversos grupos lingüísticos, cada um com seus traços específicos ao lado de apresentarem traços comuns. Estas e numerosas outras línguas revelavam um material importante para a solução de problemas da lingüística tipológica, tais como o das cons-

---

(1). — I. I. Meščanínov — *Nóvoe ucénie o jazyké* (Nova Teoria Lingüística) Leningrado, 1936; *Obščee jazykoznanie* (Lingüística geral). Leningrado, 1940.

truções específicas da frase (ergativa, dativa, etc), o do desenvolvimento da estrutura morfológica e sintática e muitos outros. (2)

Um grande estímulo para as pesquisas histórico-tipológicas neste período era a busca de confirmação à teoria da stadialidade, proposta por N. I. Marr, segundo a qual o desenvolvimento da língua dependia diretamente do desenvolvimento da base econômica da sociedade. Estabelecendo a relação entre “formação lingüística” e formação social, Marr desenvolveu a idéia da sucessão histórica das formações lingüísticas, segundo a qual cada nova formação seria qualitativamente diferente da anterior, conservando apenas traços das formações lingüísticas, segundo a qual cada nova formação seria qualitativamente isolantes corresponderiam à formação comunal, as aglutinantes à sociedade tribal e as línguas flexionais à sociedade de classes. No futuro haveria uma única língua universal. (3)

A teoria de Marr foi até certo ponto desenvolvida por seu discípulo I. I. Meščanínov. Considerando que as categorias sintáticas eram universais, Meščanínov tinha como centro de suas pesquisas o estudo comparativo destas categorias em diferentes línguas. No livro *Obščeejazykoznanie* (Lingüística geral) o tema é abordado em relação ao desenvolvimento do pensamento e dos meios de sua expressão lingüística. São analisados o vocábulo-frase, os complexos incorporados como parte da frase, o estabelecimento da frase verbal, a estrutura possessiva, ergativa, afetiva, locativa e nominativa da frase, como estágios consecutivos no desenvolvimento da linguagem.

A teoria de Marr ocupou uma posição dominante na lingüística soviética até 1950, quando foi duramente criticada em discussão lingüística de que participou Stalin. Nos dizeres de Zirmúnskij, foi uma crítica “antes de mais nada do ponto de vista do ‘bom senso’ lingüístico. Nisto estava seu lado indubitavelmente positivo; o negativo logo se fez sentir no novo dogmatismo em relação à ‘teoria lingüística de I. V Stalin.’” (4) Realmente, ao lado dos muitos pontos falhos da teoria

---

(2). — F. P. Filin (red. resp.) — *Soviétscoe jazykoznanie za 50 liét* (A lingüística soviética em 50 anos). Moscou, 1967

(3) — T. A. Dektereva — “Razvítie métodos i óbsei problemátiki v soviétskom jazykoznanii” (Desenvolvimento dos métodos e da problemática geral na lingüística soviética) Em *Principy naučnogo análiza jazyká* (Princípios de análise científica da língua), Moscou, 1959, pg. 3-44; A. S. Cikobava — *Vvedénie — jazykoznanie* (Introdução à lingüística), parte I, Moscou, 1952; Z. Svadost — *Kak vozniknet vseóbsij jazýk?* (Como surgirá a língua universal?), Moscou, 1968, cap. V.

(4). — V. M. Zirmúnskij — “Pámíati Akadémika I. I. Meščanínova” (À memória do Acadêmico I. I. Meščanínov). *Voprosy Jezynánija*, (Questões de Lingüística), 1967, nº 3, pg. 24.

de Marr, a crítica atingiu também seus aspectos positivos, e as consequências dessa crítica se estenderam a outros problemas importantes que eram abordados pelos lingüistas da época. Como resultado, nos anos subseqüentes foram abandonadas as pesquisas de questões lingüísticas direta ou indiretamente relacionadas à teoria da estadialidade, como as comparações tipológicas, a construção ergativa, a busca de traços do ergativo em línguas nominativas, etc. Posteriormente ressurgiu o interesse quanto a estes assuntos. Foram realizadas descrições da frase ergativa em comparação com a nominativa e de seus traços específicos em línguas de diferentes tipos e grupos genéticos. (5) Fez-se um reexame crítico da questão da estadialidade com relação aos dois tipos de estrutura. Estas e outras pesquisas realizadas em ampla base empírica, com a utilização de técnica apurada, bem como fundamentadas em novos critérios, conduziram a um resultado favorável quanto à hipótese de que a estrutura ergativa precede a nominativa.

Por outro lado, resultados de estudos histórico-comparativos de línguas indo-européias, camito-semíticas, turcas, trabalhos de reconstrução do ergativo arcaico, bem como pesquisas de línguas indígenas americanas, levaram à postulação de um terceiro tipo de estrutura, a ativa como precursor tipológico das estruturas ergativa e nominativa. (6)

A frase ergativa aparece em várias línguas do mundo, entre as quais as caucásicas (p. ex. o georgiano, o abcás, o avar), a língua basca, línguas indígenas americanas (p. ex. o esquimó) A frase nominativa está presente em línguas indo-européias, ugro-fínicas e turcas ao lado de outras.

Segundo I. I. Meščcanínov, as principais diferenças entre os dois tipos de estrutura “se reduzem aos sistemas utilizados para exprimir as relações subjetivas e subjetivo-objetivas pelos termos nominais e verbais da frase” (7) Na frase ergativa a forma gramatical dos termos nominais depende tanto de sua posição sintática como do conteúdo da categoria lógica que se transmite. Neste tipo de frase a categoria lógica de sujeito tem suas variantes de agente e paciente des-

---

(5) — Cf. p. ex. a col. *Ergatívnaja konstrukcija predložénija v jazykákx razlícnky típov* (A construção ergativa da frase em línguas de diferentes tipos), Moscou, 1967.

(6). — G. A. Klímov — “K kharakterístike jazykóv aktívnoho strója” (Característica das línguas de estrutura ativa) *Voprosy Jazykoznaníja*, 1972, nº 4, pg. 3-13.

(7). — I. I. Meščcanínov — *Ergatívnaja konstrukcija v jazykákx različnykh típov*. (A construção ergativa em línguas de diferentes tipos). Leníngrado, 1967, pg. 215.

tacadas e expressas em formas gramaticais diferentes, quer nos termos nominais, quer no verbal. O agente, transmitindo as relações subjetivo-objetivas, aparece como sujeito gramatical na frase transitiva. O paciente transmite em separado as relações subjetivas, caso em que se apresenta como sujeito gramatical na frase intransitiva, e as relações objetivas, quando se apresenta como objeto direto na frase transitiva. Os sujeitos dos dois tipos de frase recebem formas distintas: o da frase transitiva aparece no ergativo (e também em outros casos oblíquos, podendo mesmo expressar-se somente pelos afixos do verbo ou pela ordem vocabular); o sujeito da frase intransitiva, bem como o bem como o complemento direto da frase transitiva, aparece no nominativo. Por exemplo:

(georg.): kat's s-ma sahl-i aašena	“o homem construiu a casa”
kat's-i šin movida	“o homem chegou à casa”
mama-m bavšv-i moiqvana	“o pai trouxe a criança”
bavšv-i modis	“a criança está vindo”

(-m, -ma desinência do ergativo; -i desinência do nominativo).

Nas línguas de estrutura ergativa o complemento tem a forma gramatical invariável (nominativo) e distingue-se também, na opinião de Meščanínov, por sua posição dominante (8), já que sua presença na frase condiciona a forma gramatical do verbo e do sujeito. Nestas línguas predomina o sistema de regência recíproca entre os termos principais da frase. Inclusive o sujeito tem sua forma regida, dependendo do conteúdo da ação transmitida, de sua transitividade ou intransitividade. O sintetismo do verbo é muito difundido nas línguas ergativas: o predicado verbal inclui determinados índices para transmitir as relações subjetivas e outros para as relações subjetivo-objetivas. Estes índices podem ser pessoais (basco, georgiano, abscás, p. ex.), de classes (avar) ou ambos (darginês). De uma forma geral, nas línguas em que inexiste sistema de declinação as relações sintáticas se transmitem na forma verbal e, naquelas em que a forma verbal é neutra, as relações sintáticas se concentram na forma do sujeito.

---

(8). — Outros autores consideram que na construção ergativa o predicado verbal tem posição dominante. Cf. A. Martinet — “La construction ergative et les structures élémentaires de l'enoncé”, *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, julho-setembro de 1958; A. S. Cikobava — “Problema ergativnoj konstrúkcii v iberijsko-kavkázskykh jazykákx” (O problema da construção ergativa nas línguas ibero-caucásicas) Em *Ergatívnaja konstrúkcija predložénija v jazykákx različnykh típov* (A construção ergativa da frase em línguas de diferentes tipos), pg. 19.



estrutura profunda situada em sua base. Segundo Klímov, “o determinante semântico da estrutura ativa é a oposição não dos princípios subjetivo e objetivo (como ocorre nas línguas de estrutura ergativa e, parece, nominativa) mas dos princípios ativo e inativo. Correspondentemente a estrutura das línguas citadas está especialmente orientada para a transmissão não das relações subjetivo-objetivas, que aí encontram apenas expressão implícita, e sim das relações existentes entre os actantes ativo e inativo (o conceito de actante aqui utilizado é próximo ao conceito formulado por L. Tesnière)” (9) Este determinante semântico organiza toda a estrutura da língua, refletindo-se em seus diferentes níveis, condicionando uma série de particularidades correlatas.

Assim, de acordo com Klímov, no nível lexical as línguas ativas apresentam uma divisão binária dos substantivos em ativos e inativos, baseada na oposição dos respectivos *denotata* segundo o princípio da presença ou ausência de atividade vital, embora sem se expressar nos próprios nomes, esta divisão se faz sentir em outros elementos da estrutura lingüística.

Os verbos se dividem em estativos segundo o princípio de atividade-inatividade da ação transmitida, destacando-se, não raro, o grupo de *verba sentiendi*. Observa-se, por outro lado, a existência de formas duplas de verbos semanticamente idênticos, empregando-se uma delas com os nomes ativos e a outra com os inativos.

Encontra-se freqüentemente nas línguas ativas a oposição entre formas inclusiva e exclusiva nos pronomes da primeira pessoa do plural.

O predicado verbal desempenha papel dominante nas relações sintáticas entre os termos da frase. Estão ausentes não só a categoria de tempo no verbo, o qual, por outro lado, varia amplamente quanto ao aspecto, mas também a categoria de voz. A variação semântica de verbos ativos do tipo “queimar”, “queimar-se”, regularmente encontrada, transmite a oposição das chamadas formas “centrífugas” e “centrípetas”, comparável à oposição ativo-médio do proto-indo-europeu.

Entre as características morfológicas das línguas ativas G. A. Klímov cita a categoria morfológica de classe, bem como a diferenciação de duas séries de afixos pessoais, a ativa e a inativa, afixos estes referentes aos termos nominais que transmitem os actantes ativo e inativo. A conjugação tem, portanto, caráter misto de pessoa e clas-

---

(9). — G. A. Klímov — *op. cit.*, pg. 4.

se. Em algumas línguas aparece uma terceira série, que se emprega com os *verba sentiendi*. Na estrutura morfológica do verbo ativo é obrigatória a presença de afixo da série ativa, sendo freqüente, porém, a ocorrência de afixos das duas séries, caso em que a forma é bi-pessoal. Já os verbos estativos se combinam apenas com os afixos da série inativa.

A categoria de número é raramente encontrada, o mesmo ocorrendo com a categoria de caso. Nas línguas em que existe esta última, há a oposição entre um caso ativo (marcado), no qual se expressa o sujeito de verbo ativo, e um caso inativo (não marcado) que expressa o complemento de verbo ativo e também o sujeito de verbo estativo.

Por outro lado os nomes das línguas em questão geralmente se combinam com posposições de semântica locativa.

Outra importante característica das línguas ativas é a oposição de formas possessivas de pertinência orgânica (inalienáveis) e inorgânica (alienáveis). A primeira forma, expressa por afixos possessivos idênticos aos da série inativa, recebem apenas os substantivos referentes aos nomes da classe ativa. Estes substantivos incluem os nomes das partes do corpo humano e de animais, partes das plantas, os termos de parentesco e denominações de objetos e conceitos intimamente relacionados ao homem. A forma de pertinência inorgânica, presente nos demais nomes, transmite-se ou pela forma de pertinência orgânica com afixo complementar, ou por uma série de afixos que coincidem com os índices pessoais dos *verba sentiendi*.

G. A. Klímov chama a atenção para o fato de existir nas línguas ativas uma relação bastante íntima entre o nome e o verbo, principalmente o estativo, o que se reflete na utilização, por ambos de meios morfológicos comuns.

\* \* \*

\*

Uma das línguas indígenas brasileiras consideradas como de estrutura ativa é a língua Kamaiurá (família Tupi-Guarani), falada por índios da tribo de igual nome, que vivem na região do Alto Xingu.

Serão apresentados a seguir alguns dados sobre a língua Kamaiurá, os quais a caracterizam sob o ponto de vista da estrutura ativa. (10) Na língua Kamaiurá distinguem-se duas classes de substantivos: I) os

---

(10). — Os dados aqui apresentados se baseiam em material colhido pela autora deste artigo em trabalho de campo junto aos índios Kamaiurá (abril-junho de 1968).

possuíveis, que se empregam com prefixos possessivos, e II) os não possuíveis, que não admitem estes prefixos.

A classe de substantivos possuíveis compreende nomes das partes do corpo humano e de animais, partes das plantas; termos de parentesco; denominações de objetos e conceitos que apresentam relação íntima com o homem, por exemplo: (11) — jurú, “boca”, — pepo, “asa”, — ý “mãe”, — y’, ýp “flecha”, etc.

À classe dos substantivos impossuíveis pertencem as denominações de acidentes geográficos, elementos e fenômenos da natureza, nomes de animais, plantas e pessoas, por exemplo: paraná “rio”, amán “chuva”, ywytú “vento”, akwama?é “homem”, kujã “mulher”, etc.

Os prefixos possessivos combináveis com os substantivos da classe I apresentam formas diferentes para a primeira e a segunda pessoa do singular, primeira e segunda do plural e para a terceira pessoa. Na primeira pessoa do plural há a oposição entre uma forma inclusiva — para designar um grupo de pessoas que inclui o interlocutor — e uma forma exclusiva, para designar um grupo de pessoas que não inclui o interlocutor. A terceira pessoa distingue uma forma reflexiva e uma irreflexiva. Os prefixos são os seguintes: 1.<sup>a</sup> p. s. *je* — 1.<sup>a</sup> p. incl. *jené* — 1.<sup>a</sup> p. excl. *ore* —, 2.<sup>a</sup> p. s. *ne* —, 2.<sup>a</sup> p. pl. *pe* —, 3.<sup>a</sup> p. refl. *o* —, 3.<sup>a</sup> p. irrefl. *i* — (*t* —, *h* —)

Cada um dos prefixos da 3.<sup>a</sup> pessoa irreflexiva ocorre com determinado grupo de substantivos, p. ex.: *i* — akán “sua cabeça”, *i* — cĩ “seu nariz”, *i* — pý “seu pé”; *h* — ap “sua pluma”, *h* — acĩ “seu chifre”, *h* — ekowé “seu coração”; *t* — up, “seu pai”, *t* — amyj “seu avô”, *t* — a? ýt “seu filho”

Os substantivos que se combinam com os prefixos *t* — e *h* — apresentam a aternância t/r, h/r quando antecidos por prefixo pronominal da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> pessoa ou por outro substantivo, p. ex.: *je-r-up* “meu pai”, *ne-r-ekowé* “teu coração”, *jakaréa r-ekowé* “o coração do jacaré” Estes fatos constituem, provavelmente, requícios de

---

(11). — Os fonemas da língua kamaiurá são os seguintes: p, t, k, ? (oclusivas surdas não nasalizadas), m, n, ŋ (oclusivas sonoras nasalizadas), c (africada surda alveolar), w (fricativa sonora bilabial), j (africativa sonora palatal), h (fricativa surda glotal), r (vibrante apical), k<sup>w</sup>, h<sup>w</sup>, m<sup>w</sup> (consoantes labializadas), i, e, a, o, u, y (vogais orais, sendo a última alta; posterior não arredondada), ĩ, ē, ã, õ, ũ, ỹ (vogais nasais). Antes de pausa p, t, k são implosivos. Alternam-se respectivamente com w, r e k (explosivo) quando seguidos de vogal.

um antigo sistema de classes (cf. os afixos t-, s-, -r- no antigo tupi)  
(12)

Na língua Kamaiurá distinguem-se duas séries de prefixos pessoais: a ativa e a inativa. Os prefixos da série ativa são os seguintes: 1.<sup>a</sup> p. s. *a-*, 1.<sup>a</sup> p. incl. *ja*, 1.<sup>a</sup> p. excl. *ore-*, 2.<sup>a</sup> p. s. *ere-*, 2.<sup>a</sup> p. pl. *pe-*, 3.<sup>a</sup> p. *o-*. Os prefixos da série inativa são idênticos aos prefixos possessivos. Além destes há os prefixos complexos *or-* “eu/nós te.” e *op-* “eu/nós vos.”

Correspondentemente distinguem-se duas classes de verbos, pela ocorrência de prefixos de uma série ou de outra. A classe I inclui verbos combináveis com os prefixos da série ativa, como *-nupã* “bater”, *-je?é* eng “falar”, *-karú* “comer”, *-?ám* “estar de pé”, *-két* “dormir”. À classe II pertencem verbos combináveis com os prefixos inativos, p. ex.: *-katú* “ser bom”, *-opeýj* “estar com sono”, *-tuwijáp* “ser grande”, *po-wýj* “ser pesado”

Os verbos da classe II exprimem estado, qualidade, são estativos. Os da classe I denotam ação, movimento, mas podem também exprimir um estado. Portanto a divisão dos verbos da língua kamaiurá corresponde apenas em parte à oposição de verbos ativos e estativos, característica das línguas de estrutura ativa.

Os verbos da classe II exprimem estado, qualidade, são estativos, e também com os prefixos *oro-* e *opo-* para exprimir o sujeito e o objeto (o actante ativo e o inativo, na terminologia utilizada na caracterização da estrutura ativa) O emprego dos prefixos ocorre conforme o esquema que segue:

sujeito (actante ativo)	objeto (actante inativo)	prefixo
a) qualquer pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa	ativo
b) 2. <sup>a</sup> pessoa	1. <sup>a</sup> p. s., 1. <sup>a</sup> p. excl.	inativo
c) 3. <sup>a</sup> pessoa	1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> pessoa	inativo
d) 1. <sup>a</sup> p. s., 1. <sup>a</sup> p. excl.	2. <sup>a</sup> pessoa	<i>oro-</i> , <i>opo-</i>

#### Exemplos:

a) *a-nupã* “eu bato nele”, *ja-nupã* “nós (incl.) batemos nele”, *oro-nupã* “nós (excl.) batemos nele”, *ere-nupã* “tu bates nele”, *pe-nupã*

---

(12). — A. D. Rodrigues — “Análise morfológica de um texto tupi” *Logos* (Curitiba), 1952, nº 15; A. L. Barbosa — *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro, 1956.

“vós bateis nele”, o-nupã “ele(s) bate(m) nele”; wararujáwa mōja o-u?ú “o cachorro mordeu a cobra”;

b) je-nupã “tu me bates, vós me bateis”, ore-nupã “tu nos (excl.) bates, vós nos (excl. bateis);

c) je-nupã “ele me bate”, jene-nupã “ele nos (incl.) bate, ore-nupã “ele nos (excl.) bate”, ne-nupã “ele te bate”, pe-nupã “ele vos bate”;

d) oro-nupã “eu te bato, nós (excl.) te batemos”, opo-nupã “eu vos bato, nós (excl.) vos batemos”

Nos casos em que o sujeito e o objeto (o actante ativo e o inativo) são representados pela mesma pessoa emprega-se o prefixo je- que normalmente ocupa a posição entre o prefixo ativo e a raiz (tema) verbal: a-je kycí “eu me cortei” Esta forma poderia ser interpretada como centrípeta, em oposição à forma centrífuga a-kycí “eu o corto”

Na língua Kamaiurá os substantivos e os verbos se diferenciam por determinados traços formais. Os substantivos distinguem-se pela ocorrência do sufixo *-a*, o qual não está presente nos nomes isolados, mas aparece quando estes se combinam com outros vocábulos: jaý “lua”, jaý-a tuwijáp “a lua é grande” Os substantivos se combinam com posposições que designam instrumento, causa, direção, localização, etc., p. ex.: kye? íapupé erejekycí “você se cortou com a faca”; motawarehé “por causa de comida”; oyanité i?atáw “ele anda com a mãe”; opyrim ików “ele está em casa”; kóawi ajót “venho da roça”

Os substantivos se caracterizam ainda por determinados sufixos, como por exemplo *-ap -tap* (instrumentivo): momo-áp “propulsor de flechas—”, apyk-áp “banco”, karāj-táp “lapis”; *-tat* (agentivo): juka-tát “matador”, ywō-tat “flexador”, -u-tát “comedor”; *-uma?é* (indica ausência de uma particularidade): mireko-uma?é “solteiro”, oje?e -uma é “mudo”, etc.

Os verbos se distinguem antes de mais nada pelos prefixos subjetivos e também pela ocorrência de afixos tais como: *mo-* (causativo): mo-ypý “começar”, mo-tuwijáp “aumentar”, mo-?ajá “empurrar”; *ro-* (causativo-comitativo): ro-?át “colocar”, ro-?atá “levar”; *-i -w* (designa ação subordinada a qualquer circunstância): ?a amó ijk-í “ele chegou hoje”, tapérupi i?atá-w “ele está andando no caminho”, etc.

O nome e o verbo, portanto, se distinguem mutuamente. Por outro lado as raízes verbais e as nominais podem apresentar formas morfológicamente análogas, servindo-se de afixos idênticos. Por exem-

plo: je-jurú “minha boca” (substantivo), je-katu “eu sou bom” (verbo estativo), je-nupã “batem-me” (verbo da classe I) Observa-se, deste modo, uma relação próxima entre o nome e o verbo, o que é apontado como um dos traços específicos das línguas de estrutura ativa. Esta relação íntima entre as duas classes de vocábulos caracteriza também o antigo tupi, língua em que “todos os temas podem apresentar-se em dois aspectos: nominal e verbal” (13) e em que “a distinção verbo nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se verbo predicativo, e todo verbo no infinito é verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parece terem dois ‘status’: o verbal e o nominal” (14)

\* \* \*

O material disponível sobre a língua Kamaiurá é ainda muito limitado. Entretanto, os dados aqui apresentados, mostram, a nosso ver, que essa língua e, por extensão, as demais línguas Tupi-Guarani, apresentam, efetivamente, muitos traços característicos do padrão da estrutura ativa de Klímov

\* \* \*

---

(13). — A. D. Rodrigues — “Morfologia do verbo tupi” *Letras* (Curitiba) 1953; nº 1, pg. 123-124.

(14). — A. L. Barbosa — *Op. cit.*, § 1.108.